

Sétima arte

★ **Silvio Santos** há tempos aderiu ao cinema, mas, depois, parece haver preferido uma pausa. Uma pena que sabendo visualizar como ninguém ele não continue emprestando seu sadio entusiasmo de grande realizador num terreno de tantas possibilidades. O cinema no Brasil tem um largo horizonte. Discordamos, apenas, daqueles falsos produtores do tipo da chamada Boca do Lixo de São Paulo que confundem arte com pornografia. Estão fadados ao desprezo das platéias brasileiras. E os títulos infames? Reclamam imediata intervenção da Censura. O que temos visto é falta de pudor, pseudocinema.



★ Temas sérios, aproveitamento inteligente de obras de figuras destacadas de nossa história merecem aplausos. Oswaldo Massaini, para exemplificar, o responsável com Anselmo Duarte pela autêntica "Palma de Ouro", conquistada em Cannes pelo filme *O Pagador de Promessas*, o produtor de tantos sucessos como *Independência ou Morte*, anuncia um senhor espetáculo sobre Fernão Dias. *O Caçador de Esmeraldas* tem excepcional desempenho de Jofre Soares.

★ **Steve McQueen** insiste em enfrentar os maiores perigos. Do mesmo modo que Paul Newman é um adepto fervoroso da Fórmula-1. Sua última aquisição: uma tremenda máquina voadora — para se exibir nas pistas internacionais. Ficam os estúdios de Hollywood apavorados com esses homens e suas máquinas maravilhosas.

★ **Bob Fosse** esteve no Rio. Harry Stone, Luiz Severiano Ribeiro Neto e Vittorio Tamburini receberam os convidados no Veneza em noite de *première* de *O Show Deve Continuar*, do original *All That Jazz*. E Bob Fosse andou eufórico. Veio acompanhado de uma jovem de pouco mais de vinte anos. No próprio filme ele insiste em ser o machão, temível conquistador levado até ao enfarte. Para um bailarino e coreó-

grafo (por sinal dos melhores) essa *valentia* toda é dose violenta, não acham?... Quanto ao filme, a realização, fora de dúvida, é de alta técnica, seguro ritmo, com um tratamento excelente. Êxito mundial da Columbia Pictures.

★ **Vinicius de Moraes** foi um apaixonado não só pela música. Amou intensamente a vida, amou sobretudo o cinema. Foi crítico, membro de júri em festivais e ninguém esquece a inspirada melodia de *Orfeu da Conceição*. Diplomata, nosso cônsul em Montevidéu foi um incentivador do Festival Internacional de Punta del Este. Nós testemunhamos, aqui e no estrangeiro, o seu trabalho em relação à sétima arte. Hoje Vinicius é para todos uma saúde gigante!

★ Nossos amigos norte-americanos gastaram uma fortuna com o transporte aéreo de tigres, leões e outros bichos, concentrados em Vassouras, na realização de um longa metragem que, por estas bandas, diminui de maneira impressionante o orçamento feito. Na África sairia mais caro, acreditam ou não. Filmes desse gênero em nada promovem o Brasil no exterior.

★ **Brigitte Bardot** — insistem os noticiários — está sendo convidada para filmar no Rio de Janeiro. Em plena decadência a atriz mais preocupada atualmente com as focas deixa os focos do jornalismo muito irrequietos. No seu desembarque — caso aconteça — não vai faltar sequer o José Moura, o Beijoqueiro. O risco é que ela poderá fugir para Cabo Frio, mergulhar nas águas famosas de Búzios, gozar de total mordomia e depois, a véspera de filmagem, retornar à Europa como fez Maria Schneider obrigando a diretora Ana Carolina a fazer das *trips* coraçõ... Tudo é possível em senhoras temperamentais...



122
SETIMO CEU
Nº 91 18180

Guadalupe canta um repertório de primeira em LP

Recentemente contratada pela RCA, Guadalupe, mulher de Dominginhos, lança seu primeiro LP — *Princesa do Meu Lugar* — que reúne um time privilegiado da música popular. Além de Belchior, que assina a música-título, Tom Jobim, Gonzaguinha, Sueli Costa, Ivan Lins, Gilberto Gil, Toquinho e Vinicius, Dominginhos e Rita Lee (em dupla) e Hermeto Pascoal estão também presentes.

IPANEMA

Depois de um mês em nossa embaixada em La Paz, ele está no Rio

● O Deputado Walter Guevara Anaya, filho do deposto presidente boliviano Walter Guevara Arze, só conseguiu saborear um chope bem geladinho, sem preocupações, um mês depois do golpe que derrubou Lúcia Gueiler, a 17 de julho último. Foi no Garota de Ipanema, ex-Veloso, na Rua Vinícius de Moraes, ex-Montenegro.

Vinícius, aliás, é um nome muito querido de Walter Guevara Anaya. "Conheci a sua música através de brasileiros que estudavam em universidades norte-americanas." Solteiro, 33 anos, natural de La Paz, professor de Filosofia e requintado gourmet, ele revela o drama da família boliviana, sempre às voltas com a constante agitação política, historicamente traduzida em mais de 200 golpes de estado. Lecionando, durante os últimos 20 anos, em universidades dos Estados Unidos, ele decidiu voltar à sua pátria logo que o pai foi eleito presidente, em agosto de 1979, interrompendo 15 anos de governos militares. A idéia era ajudá-lo a redemocratizar seu país. Mas o sonho durou pouco e ele ficou 30 dias jogando cartas na embaixada brasileira, à espera da liberdade.

Agora, seus planos são de voltar a lecionar, em uma universidade brasileira, enquanto espera a hora de retornar à Bolívia. Os raros momentos de alegria ficam por conta do folclore ipanemense, como a moça grávida trajando um sumário biquíni à Leila Diniz:

"É incrível. Nunca vi nada igual, no mundo inteiro!"

— E por que seu pai não conseguiu ficar mais do que três meses no poder?

— Porque os militares em minha terra não admitem civis no poder. Meu pai era respeitado como líder nacionalista e talvez tenha desagradado a certos setores por ter quebrado o longo período de governos militares. Fora disso não encontro qualquer explicação.

— E, com relação ao Brasil, havia algum ponto de discordância no programa de governo dele?

— Não houve muito tempo para ele pensar no assunto. Não desconhecia a importância do Brasil na América Latina. Além disso, a fronteira que nos separa é imensa. Ele sempre considerou este um país sério. Certamente, teria



Nada melhor do que o clima ipanemense para fazer esquecer as horas difíceis que ele passou em sua pátria. Guevara Anaya está feliz.

aumentado a cota de gás ao Brasil, se tivesse tido mais tempo de governo.

— Foi fácil conseguir asilo na embaixada brasileira em La Paz?

— Em poucos minutos consegui a resposta afirmativa do Embaixador Afonso Arinos de Mello Franco. Semanas antes tínhamos falado sobre a carreira diplomática de nossos pais, ambos chanceleres.

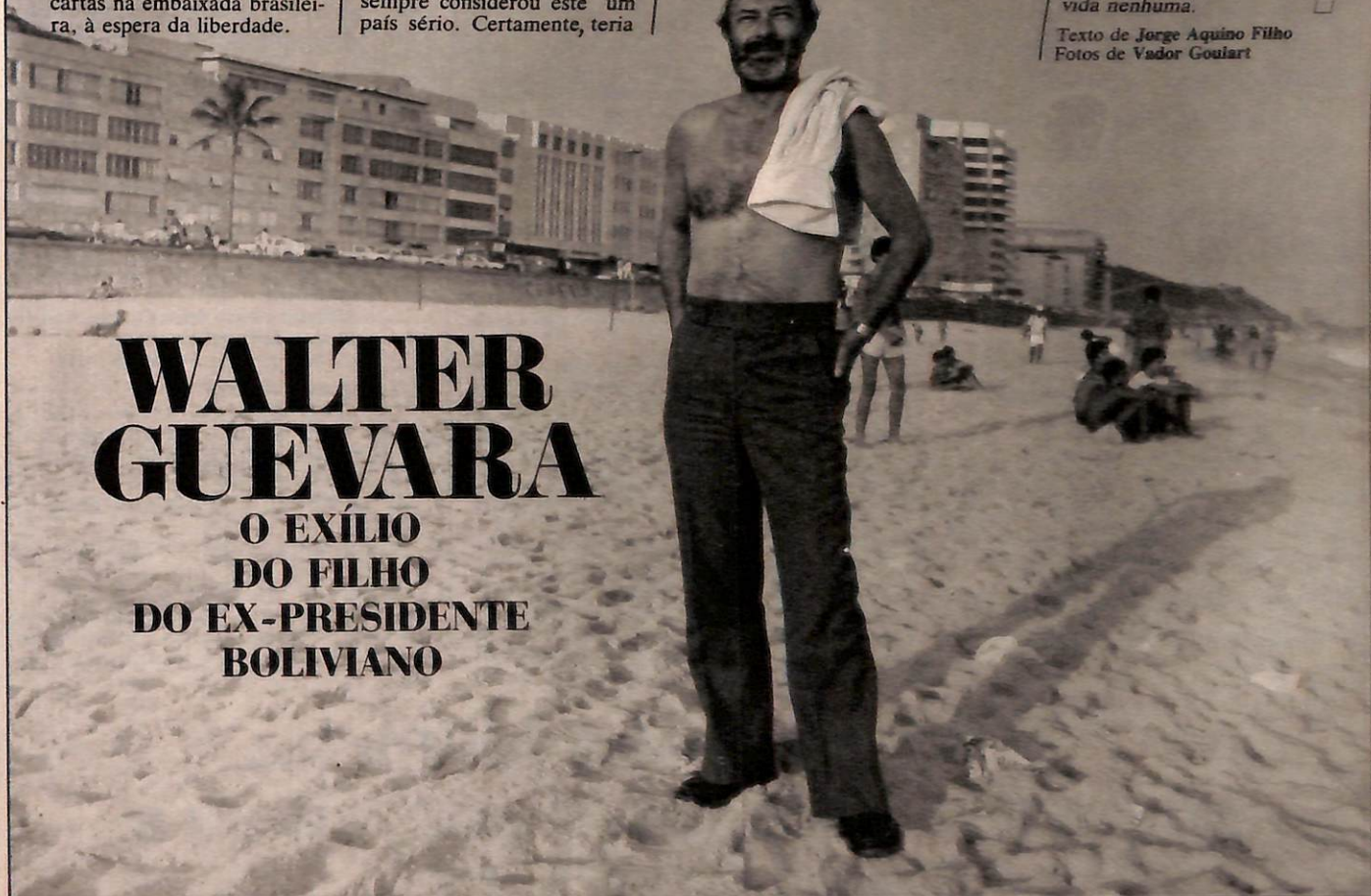
— Chegou a temer a morte?

— Minha volta à Bolívia, depois de muitos anos lecionando na Northern Illinois University, estava ligada ao projeto de abertura política que meu pai começava a pôr em prática. Ele sempre insistia na necessidade de minha participação política. Mas desde o dia de sua queda, a 1.º de novembro de 1979, nunca mais tivemos tranquilidade. Minha casa foi inteiramente saqueada. Foi o pior dia de minha vida.

— Algum desejo?

— Que as democracias não se deixem influenciar por esse golpe, um retrocesso, sem dúvida nenhuma. □

Texto de Jorge Aquino Filho
Fotos de Vador Gouziart



WALTER GUEVARA

O EXÍLIO DO FILHO DO EX-PRESIDENTE BOLIVIANO

Divirta-se

Zé Ketti, numa autobiografia musical. Com histórias e queixas.

Depois de Opinião, a Voz do Morro e Máscara Negra, José Flores de Jesus achou que já tinha uma história para contar. Foi por isso que decidiu fazer um show autobiográfico, contando coisas de sua vida, cantando suas músicas e de outros compositores, louvando seus amigos e cobrando o pagamento em dia dos direitos autorais. É assim o show que Zé Ketti estréia hoje às 21 horas no Teatro Abertura em São Paulo. O espetáculo fica até o final do mês e pode ser visto de segunda a domingo.

Não é bem um show. Zé Ketti não canta para o público. O cenário é um bar onde ele aparece com amigos, contando suas alegrias e tristezas. Segundo ele, "não daria para fazer um show com microfone na mão e olhos na platéia: eu fico encabulado". Mas, a verdade é outra. Zé Ketti, campeão do carnaval carioca em 1967 (com Máscara Negra) não sabe sambar. Pode bem batucar um samba na mesa de um bar, mas dançar ele jura que não sabe.

— Eu sei compor e cantar mas sambar nunca foi meu forte. Comecei minha carreira artística por onde a maior parte dos artistas termina. Eu apareci pela primeira vez como ator e compositor no filme Rio 40 Graus, de Nelson Pereira dos Santos. Fui o ator principal e ainda fiz a trilha sonora do filme, onde a música-tema era A Voz do Morro. Como pagamento, pude desfrutar da república onde morava o Nelson. Foi muito melhor do que dormir na rua.

Nesse show Zé Ketti canta 36 músicas; 26 de sua autoria e 10 de outros compositores amigos seus, de Cartola até Paulinho da Viola, que ele lançou. Tem também Nelson Cavaquinho, Luiz Ayrão, Lamartine Babo e Vinícius de Moraes. E ainda Notícia de Jornal, música de Zé Ketti que foi proibida em São Paulo em 1964.

Entre as histórias que ele conta está aquela de sua mãe, trabalhadora, que deixava o filho em casa com sua irmã e toda noite, ao voltar perguntava se ele tinha ficado quietinho: virou Zé quietinho e só depois, quando começou a compor, foi que

Ele canta 36 músicas em seu show que estréia hoje no Abertura. Dessas, 26 levam sua assinatura.



José Flores de Jesus resolveu adaptar seu apelido por algo "mais artístico". Ele conta também que o sonho de sua mãe era ter um filho dentista. Mas Zé Ketti não chegou a fazer o colegial para ir à universidade.

— Minha mãe sonhava com isso mas não tinha dinheiro para me mandar à faculdade. Foi aí que eu vi que o melhor mesmo era fazer aquilo que eu gostava: compor e cantar. Mesmo assim, só agora estou me aposentando. Fui trabalhador do INPS durante todo esse tempo. Nem como funcionário público nem como músico pude ter uma vida mais tranqüila. Mas cantando pelo menos eu faço alguma coisa com prazer.

Zé Ketti aproveitou esse seu primeiro show para reclamar da forma como são pagos os direitos autorais aos compositores.

— Imagine que só pagam nossos direitos de quatro em quatro meses. Como é que pode uma coisa dessas? Nossos compromissos vencem a cada mês; eu não como só de quatro em quatro meses. E ainda se nos

pagassem corretamente... De Máscara Negra, que foi aquele sucesso, eu só recebi sete mil cruzeiros. A música fez sucesso no País inteiro, até hoje é cantada. Eu só ganhei sete mil cruzeiros. Quem não sabe pelo menos o primeiro verso de A Voz do Morro? "Eu sou o samba", pois é. Com os direitos autorais que recebi fui ao mercado em Madureira e voltei com duas sacolas cheias de compras.

Não é essa sua única queixa. Ele reclama também da pouca consideração que é dada aos músicos nacionais. Segundo diz, o governo não deveria permitir essa invasão de músicas estrangeiras em detrimento da nossa música. Apesar de dizer que é apenas um sambista que não se mete em política, Zé Ketti não resistiu e fez um samba quando o cargo de presidente da República estava sendo disputado por Figueiredo e Magalhães Pinto: "a rua Figueiredo Magalhães em Copacabana já foi mão e contra mão. Figueiredo Sobee, desce Magalhães".

A Nau, aportando no Taib.



O texto foi escrito em Paris, em 1973, e publicado em francês. Hoje, O Tesouro Nau Catarineta, de Antonieta Dias de Moraes, que antes de atravessar o Atlântico se chamava La Catharinette, chega a São Paulo. No Teatro Taib (R. Três Rios, 252), às 15h30, num espetáculo dirigido pelo psicólogo Paulo Roberto Moreira, especializado em teatro para crianças. A tradução para o português foi feita pela própria autora, muito mais lida pelas crianças francesas do que pelas brasileiras.

O texto é baseado nas lendas da tragédia da Nau Catarineta, conhecida em todo o Ocidente. Traz elementos culturais que ligam Portugal à África e ao Brasil, mas a autora não quer apenas expor dados históricos. "A peça pretende esclarecer fenômenos que ocorrem na relação entre os homens em todo tempo e lugar", diz o diretor, Moreira. Acrescenta que os objetivos da montagem são os de "fazer um teatro para crianças e adolescentes a partir de elementos da cultura nacional".

O Tesouro da Nau Catarineta tem interpretações de Hélio Cícero, Eduardo Sampaio, Angela Rodrigues Alves, Décio Pinto, Irineu Marcovechio e outros. A música é de Farid Fábio, executada ao vivo por John Herbert Jr. e José Henrique Borges. Sessões aos sábados (15h30) e domingos (10h30 e 15h). Os ingressos custam Cr\$150,00 (adultos) e Cr\$ 100,00 (crianças).

SHOW



Amanhã, 15h, na Estação São Bento do Metrô: Grupo Salvaterra.

Os horários e informações são fornecidas pelas companhias

Coração Paulista
Guilherme Arantes — lançando o 3º LP para a WEA. Ingressos: Cr\$ 250,00 e Cr\$ 100,00 (estudantes). Teatro PROCOPIO FERREIRA (r. Augusto, 2823). Hoje e amanhã, às 21 horas.

Tato Fischer — Com Rosi Campos e Silve Meló. No Projeto Independente de Músicas. Ingressos: Cr\$ 80,00 (único). Teatro PROCOPIO FERREIRA. (r. Augusto,

2.823). Somente hoje. As 18h30

Paulo Moura e Myrian Pérsia — No show Diário de Bordo. No elenco, a participação de Paulo César Soares e Leonardo Luz. Ingressos: Cr\$ 150,00 e Cr\$ 100,00 (estudantes) Sala GUIOMAR NOVAES (al. Nothmann, 1.058). Hoje e amanhã, às 21 horas.

Grupo Salvaterra — Tocando músicas de Wagner Tiso, Caetano Veloso, Chico Buarque, entre outros. Grátis. ESTAÇÃO DE METRÔ SÃO BENTO — Somente amanhã, às 15 horas.

Viento Del Sur — Formado por Jorge Bandalim, violão, charango, Miguel, flauta doce, violão, bumbo, charango, Oscar, violão, charango e bandolim. Tocando e cantando música latino-americana. Ingressos: Cr\$ 150,00 e Cr\$ 100,00 (estudantes). Teatro LIRA PAULISTANA (r. Teodoro Sampaio, 1091). Hoje e amanhã, às 21 horas.

Agasalhos, com muita festa.



O clube dos lojistas da Francisco Morato, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e da Administração Regional do Butantã, DSV, Paulistur, Telesp, CMTC e Light, organiza amanhã uma festa simpática e engraçada, para colaborar com a campanha do agasalho.

Uma verdadeira quermesse será montada na Av. Francisco Morazan, (na altura do número 3.600 da Francisco Morato), onde quem trazer um agasalho (mantas, casacos, calças, sapatos etc., novos ou usados) vai ganhar uma cartela e poder brincar à vontade. Os divertimentos são os mais variados possíveis e só ganharão brindes aqueles que demonstrarem sua habilidade. Os mais desajeitados poderão pagar prendas como cantar, sorrir ou dançar.

Os brinquedos, operados por artistas como Abel Bravo, malabarista, equilibrista e pirotécnico, o ator Douglas Franco, Juan Oviedo, diretor de teatro e outros mais, ficam por conta do Olho Mágico, um enorme caleidoscópio, onde acontecerão mímicas e encenações, além da busca do Pote de Ouro, enterrado no fim do arco-íris e que esconde maravilhas.

Haverá também muita comida típica e natural, bandas de música, apresentações circenses, música sertaneja e outras brincadeiras. A festa começa às 9 e termina às 17 horas. Mas quem esquecer o agasalho não poderá brincar.

125
FOLHA DA TARDE - SP

02 / 08 / 80

NEGÓCIOS DO POETA

- Pouco antes de sua morte, o poeta Vinicius de Moraes anunciou em alguns jornais o desejo de vender seu bar, o "Cirrose". Aliás, esse era o desejo de todos os demais sócios, desejosos de se afastar do negócio.
- Por algum tempo, entretanto, eles terão que esperar para resolver o problema. O inventário do poeta arrolou a sua participação no "Cirrose".
- Enquanto isso, dentro de mais algum tempo, haverá uma grande festa na Bahia, a segunda cidade brasileira a dar o nome de Vinicius de Moraes a uma de suas ruas.

A. WITKOWSKY

02 / 09 / 80



A MÚSICA DE HOJE

Jésus Rocha

ADONIRAN BARBOSA – Adoniran Barbosa (Odeon) – Lado 1 – Fica Mais Um Pouco Amor (Adoniran Barbosa), Tiro ao Álvaro (Adoniran e Oswaldo Molles), Bom Dia, Tristeza (Adoniran e Vinicius de Moraes), O Casamento do Moacir (Adoniran e Oswaldo Molles), Viaduto St^a Efigênia (Adoniran e Alocin), Agüenta a Mão, João (Adoniran e Hervê Cordovil), Acende o Candieiro (Adoniran). Lado 2 – Apaga o Fogo, Mané (Adoniran), Prova de Carinho (Adoniran e Hervê Cordovil), Vila Esperança (Adoniran e Marcos César), Iracema (Adoniran), No Morro do Piolho (Pateleco-Jacob de Brito e Carlos Silva), Despejo na Favela (Adoniran), Torresmo à Milanese (Adoniran Barbosa e Carlinhos Vergueiro).



Adoniran Barbosa e Roberto Ribeiro

“A gente ficamos comovidos como o diabo”

Este disco de Adoniran Barbosa é, antes de tudo, durante e depois de tudo, um banho brasileiro, de emoção brasileira em que o humor, a sensibilidade em doses de picante inteligência se misturam numa festa só. Uma festa que tem a participação – homenagem bonita e justa – de um time de primeira, no acompanhamento: Dino, no violão de sete cordas; César Faria, violão comum; Carlinhos, no cavaquinho; Marçal Filho, Milton Marçal, Eliseu, Lima, Jorginho e Geraldo – no ritmo; Netinho e José Nogueiro: saxofones; Nelsinho: trombone; Maurílio: pistom; Jorginho: flauta; e As Gatas e Cristina – no coro – e também na parte vocal: Elis Regina, Clementina

de Jesus, Clara Nunes, Carlinhos Vergueiro, Djavan, Gonzaguinha, MPB-4, conjunto Nosso Samba, Talismã, Roberto Ribeiro e Vânia Carvalho.

As coisas mais e as não muito conhecidas despertam a gente para uma admiração atual. O que dizer de/sobre Adoniran? Que é um cara importantíssimo? Que sua voz rouca dignifica o ato de ser rouco? Que seus certos erros de concordância põem as respectivas formas corretas no chinelo? É pouco. O negócio é ouvir e reouvir o disco. Por tudo que ele é. Na certeza de que esse cara de São Paulo deixa a gente – com licença, Drummond – comovido como o diabo.

NOTAS



O compositor Mautner lança mais um livro

● Jorge Mautner – compositor e escritor – estará lançando, na próxima quinta-feira (21h, Concha Verde da Urca) seu novo livro: **Panfletos da Nova Era**. Vai ser um show de autógrafos com participação de Zé Ramalho, Amelinha, Belchior, Macalé, Moraes Moreira e Norma Bengell. Também presente – como convidada especial – Helôisa Buarque de Hollanda, que vai autografar seu livro **Patrulhas Ideológicas**.

● O grupo **Acordel** em estréia pela RCA. O LP – informa a gravadora – “é a primeira concretização real, no disco, de trabalhos musicais surgidos na periferia de São Paulo a partir de 1974, quando pessoas ligadas às mais diversas correntes das artes se reuniam em autênticos núcleos cul-

turais para discutir cinema, teatro, música, pintura, poesia, literatura etc.

● Hoje, a partir das 20h, na Odeon, Clara Nunes recebe jornalistas e amigos para ouvir seu novo LP. Cuja fita, aliás, já anda tocando – e muito – por aí.

● Amanhã, às 21h, uma excelente pedida: ouvir o grande pianista Artur Moreira Lima na Sala Cecília Meireles.

● Carlos Lyra e sua mulher, a atriz Kate Lyra, estão participando das semifinais do festival **De Todos os Cantos** em realização em Curitiba, com final previsto para dezembro. Carlos faz um show – após a apresentação das músicas concorrentes – e Kate apresenta um outro show oferecido pelo júri.

ONDE ESTÁ VOCÊ?

ULTIMA HORA e Aérton na Rádio Capital, desejam saber Onde Está Você?, para oferecerem aos seus leitores e ouvintes prêmios maravilhosos. Preencha o cupom abaixo e remeta-o para o Supermercado Costa Azul, Avenida Princesa Isabel, 134 – Copacabana.

Nome:

Endereço

Bairro:

Cidade:

A GEOPOLÍTICA DOS NOVOS SONS



Vital Farias:
com muita força



Raimundo Sodré:
modelos regionais



Petrúcio Maia:
voz emocionada



Vital Lima:
propensão romântica



Fátima Guedes: alheia a rótulos

Tárik de Souza

BAIXADA a poeira do MPB-80, vale uma recomendação aos milhões de espectadores do festival, para que se não desmobilizem. Ou seja, permaneçam atentos às propostas novas da MPB, revirando as lojas, caçando nas rádios, comparecendo aos shows. No momento, a crise do mercado ameaça os novos rostos que se puseram a descoberto com esse facho de luz dos refletores globais. Um novo ditado se aplicaria, com a devida correção (inclusive monetária) ao caso: nem tudo que reluz é, ou está, no Globo. Uma leva de 16 LPs de novos criadores, alguns impulsionados diretamente pelo MPB-80, está nas lojas. Convinha ao leitor — telespectador ou não do festival — examiná-la com a atenção e o interesse que merecem as novas propostas artísticas. Antes que a exigua abertura do mercado (para não mencionar outras) seja truncada, de novo, a 70 chaves.

Os nordestinos predominam mais uma vez. Na estrada ampla aberta por Fagner, o também cearense Petrúcio Maia, fornecedor de alguns de seus êxitos, aparece num LP individual, *Melhor que Mato Verde* (CBS). No repertório do cantor, de voz apenas emocionada, *Cebola Cortada* (parceria com Clodo, do Piauí), *Pé de Sonhos* (parceria com Brandão), *Passarás, Passarás, Passarás* (parceria com Capinan), *Reflexos do Baile* (com Abel Silva). Participam, emprestando suas vozes, Fagner, Fausto Nilo, Tetti e Ângela Linhares. Pernambucano como Alceu Valença, seu primo Bubska (Ivo Rangel Neto), vencedor de festivais nordestinos, traz uma retórica grandiloquente que às vezes lembra os longos discursos de Belchior. Mas usa certo tipo de toada galvanizada por Zé Ramalho. Tanto é pragmático ("Por favor seu João/ abaixe um decreto/ para dar um teto/ à música popular") quanto sonhador ("Tudo é sólido/ no olhar dessa boiada/ negra multidão/ à procura da estrada"), sempre através de melodias fáceis, de instantâneo apelo popular. Dele é a explicação para tantas vozes nordestinas de uma só vez: "Não é bairrismo, mas a música brasileira está muito

mais nordestina. A gente demorou tanto tempo lá em cima fazendo música, esperando, juntando, armazenando o tempo todo, passando tudo por uma peneira que, quando finalmente a gente veio, veio com muita força".

Esse, especificamente, é o caso do paraibano Vital Farias. Em seu segundo LP, que leva o nome da cidade em que nasceu, *Taperoá* (CBS), ele confirma algumas surpreendentes qualidades demonstradas na estréia. Por exemplo, a incrível habilidade de utilizar ritmos locais, permeados de sátira, como no frevo *Tudo vai bem* ("Nós sofre, mas nós goza"). Ou no curiosíssimo *Repente Paulista*, que diz a ironias tantas: "Bem na Avenida Paulista/ perdi meu golpe de vista/ perdi toda a segurança/ perdi a caderneta de poupança/ perdi toda a esperança". No entanto, parece preocupado em adequar sua nordestinidade a um urbanismo eletrônico, que acaba provocando choques com a face acústica de *Taperoá*. Baiano de Ipirá, Raimundo Sodré (*A Massa*, Polydor) sofre do mesmo circuito na faixa *Palavra do no Coió de Shirilena* (E Haja Adrenalina). A complicação do título coaduna-se com o intrincado eletroacústico da faixa. No entanto, o energético Sodré dá preferência aos modelos regionais e interioranos do xaxado (na maioria), do xote e do baião, o que faz com competência, na maior parte do disco.

Igualmente baiano, de Serrinha, no sertão do Estado, Vicente Barreto não tomou o caminho especificamente regionalista em *Assim tão Moço* (Continental). Mas, da mesma forma, não se rendeu ao guitarrismo vigente, a despeito de manifestar-se com frequência em tom de balada. Aliado a Gonzaguinha (*Abençoado e Santo*) e parceiro de Vinícius de Moraes (*Eterno Retorno*), Vicente, apegado à simplicidade poética, revela-se no encadeado caprichoso de *Poeira nos Olhos* ou na dolência afro de *Rosa Preta*. Já Herman Torres é alagoano, de Macaói, apenas na certidão de nascimento. A música de seu LP de estréia na Polydor vem encapada pelo celofane barato da balada rock, em arranjos do perito Lincoln Olivetti. Saiva-ou uma escolha metódica de poetas-parceiros de primeira linha, como Fausto Nilo, Sérgio Natureza e Saigado Maranhão.

Estes resgatam autor e disco da superficialidade.

Formada por uma capixaba e um carioca, a dupla Teca e Ricardo, que estréia em *Povo Daqui* (Odeon), soa mais nordestina do que muitos dos acima arrolados. Não se confunda esse sotaque, porém, com apelação ou com a folclorização do subdesenvolvimento a que se referiu, certa vez, Caetano Veloso. Titulares de respeitável carreira na Europa, no período em que Ricardo Villas Boas de Sá Rego esteve exilado, os dois, com Teca Calazans em primeiro plano vocal, fazem um produto de qualidade refinada. Podem os extremos das raízes conviver com a outra ponta, a da vanguarda? Em *Caicó, Ciranda da Lua no Mar, Minoria, Triste Tropical e Povo Daqui*, Teca e Ricardo têm respostas positivas e entusiasmantes para a questão.

FLUMINENSE de São Gonçalo, Altay Velloso da Silva, o Altay de O Cantador (RCA), também enverga alguma entonação nordestina, embora certas toadas o aproximem com maior exatidão de Milton Nascimento. A voz encorpada ajuda a aumentar a semelhança, mas não se pode estabelecer entre eles dois o mesmo paralelo realizado por toda a crítica entre Raimundo Sodré e Gilberto Gil. Altay, além disso, é um letrista de metáforas dissonantes, algo surrealistas, como atestam alguns títulos: *Meu Nome É Noite Vadia, Mas, Somos Navilhas, Há Sempre um Que Não Dorme e Um Filho de Nome Estrada*. Carioca, mas criado na América Latina e na Europa, acompanhando o pai, o poeta amazonense Thiago de Mello, no exílio, Manduka (Alexandre Manuel Thiago de Mello) é outro cuja obra dificilmente pode ser enquadrada em escaninhos política ou poeticamente estabelecidos. Com vários discos gravados no exterior, primeiro lugar no Festival 79 da TV Tupi, em parceria com o sanfoneiro Dominguinhas (*Quem me Levará Sou Eu*), Manduka tanto pode expressar-se num samba (ou seria zamba?) de violino e tamborim, como *Jandira* quanto num exótico baião, *O Que Aconteceu na China?*. Seu forte é o lirismo (*Sonho do Navio Dourado, Asas pra Falsa Es-*

tação, *Esmeraldas*), mas não fica descartada a solene maldição de Violeta Parra, *Maldigo del Alto Cielo*.

Soltário paraense nesse mar de afluentes nordestinos, Vital Lima lembra em *Cheganças* (Tapecar) que Gonzaga já se aventurou pelo baía nortista (Tacacá), se é que tal rótulo existe. E cuida de escavar outras expressões locais, em *Urutai*, além de redescobrir o folclorista Waldemar Henrique (*Boi Bum-bá*). Isso sem esquecer uma propensão romântica (*O Menino e o Passarinho*), já demonstrada num primeiro LP de parcerias com Hermínio Bello de Carvalho.

Mineiro de Rodeiro, Zé Geraldo (José Geraldo Justo), também no segundo LP, *Estradas* (CBS), tem semelhanças com a toada nordestina de Zé Ramalho. Mas se parece com Belchior e Bubska, na formulação discursiva das letras, além de não esconder a procedência de suas influências externas (como *Diria Dylan*). Resultado dessa encruzilhada: uma música rala, apesar do excesso de condimentos (há ainda interrupções de corinho ao estilo *soul*, e as violas, às vezes, lembram o caipira-urbano de Renato Teixeira).

Gaúcho solitário nessa seleção, Raul Ellwanger estréia em circuito nacional apadrinhado por contêrreanos universais: o poeta Carlos Nejar, na contracapa, e Ellis Regina, no contracanto (*Pequeno Exilado*). Raul, como Ricardo e Manduka, foi obrigado a deixar o Brasil, e sua ausência consolidou a mistura musical fronteiriça, algo porém muito diverso do coquetel comerciante de Zé Geraldo. Com voz firme e bom pulso autoral, ele atravessa as mares do *Tango dos Músicos* ("Um dia seremos amados/um dia seremos irmãos/estamos no mesmo barco/estamos nas nossas mãos") com a habilidade de sambista em *Samba do Lero*. Por outro lado, aconselha: "Irmãozinho de batalha/plante rock e chacarera/não se assuste da canalha/plante trigo a noite inteira."

Uma lição mal compreendida pelo carioca Moreno Paes. Seu LP de estréia, *Moreno e Bambalacha* (Polydor), parece estar transmitindo do Caribe. Quando não se ouve reggae, sobrevém um baticum afro-

latino. Para exaltar Cuba (*Tem uma Ilha*), Moreno não precisava ter ido tão longe.

Carioca aclimatada nos Estados Unidos por força das viagens do pai, Marina Correa Lima, em seu segundo LP, *Olhos Felizes* (WEA), demonstra ter aprendido lições. As da estréia, e ainda as ensinadas pela própria ingerência do blues em sua maneira ondulante de cantar e compor. No repertório acentuadamente romântico do disco, os maiores destaques não ficam com a compositora. Gilberto Gil (*Corações a Mil*) e Caetano Veloso, inclusive presença vocal em *Nosso Estranho Amor*, roubam a cena.

Na casa do terceiro LP (o primeiro foi gravado em regime independente), Oswaldo Montenegro seria o mais promissor de todos os estreatantes, do ponto-de-vista mercadológico. Afinal, acaba de arrebatado o primeiro prêmio do MPB-80, *Agonia*, do parceiro Mongol, não incluída no LP. Em compensação, o disco tem *Bandolins*, concorrente ao Festival 79 da Tupi e terceiro lugar contra os protestos do público que a elegeu. Carioca ambientado em Brasília, batalhador incansável e voraz, Montenegro, bem aparelhado para o lirismo e para a sátira, parece empurrado a tomar um único caminho, devido ao rolo compressor do sucesso. No LP, ele trava uma batalha poética contra a politização, sem perceber-se envolvido num círculo vicioso, ao compor canções de protesto contra as canções de protesto. Tem, no entanto, boa bagagem vocal e autoral, se decidir a agüentar o tranco do consumo avassalador.

Também carioca, Fátima Guedes, no segundo LP, persegue um tipo diferente de lirismo, mordaz, crítico, ferino. Suas letras nocautizam pelo realismo e a música por falsa simplicidade. O caderno escolar em que Elifas Andreato transformou a capa do LP auxilia a formação da ambígua imagem da menina-moça, madura para a malícia da marcha-rancho (*O Bloco das Mimosas Borboletas*), o cotidiano macerado do bolero (*Traste*) ou a implacável reportagem de *Mais uma Boca*. Fátima constitui-se em exceção raríssima. A que já nasceu pronta, independente das flutuações da bolsa musical. Alheia à geopolítica dos rótulos.



O grupo fica até domingo no Auditório Augusta.

Força e muita vontade num show em Cy

Foram necessários doze anos de carreira para que o Quarteto em Cy resolvesse fazer um show. Isso aconteceu em 1977, quando as cantoras montaram "Resistindo". Entusiasmadas com o resultado, fizeram outro show, "Quarteto em Cy a 1000 kilohertz", e agora, "Com Força e Com Vontade", que estréia hoje às 21 horas no Auditório Augusta (rua Augusta, 943).

Elas vão apresentar músicas do último LP — "Quarteto em Cy Interpreta" (Polygram) — que traz composições de Caetano Veloso, Gonzaguinha, Ivan Lins-Vitor Martins, Milton Nascimento-Fernando Brant e de Milton Nascimento-Márcio Borges. É o 17.º disco do grupo.

Um dos poucos, se não o único conjunto vocal feminino que sobrevive durante tanto tempo — a primeira apresentação foi em 1964 —, o Quarteto em Cy passou por muitas mudanças nesses anos. Das integrantes iniciais, restam ainda Cynara e Cyva. Aqui em São Paulo também estará Cybelle, fazendo substituição de Dorinha. A imagem das moças também mudou, adequando-se aos novos tempos. As chamadas "baianinhas de Vinicius" perderam aquele jeito de mocinhas bém comportadas e quebraram a imagem tradicional. Soltaram os cabelos e surpreenderam o público com o show "1000 Kilohertz", onde faziam de tudo, inclusive mostravam as pernas, antes escondidas.

O mais importante para o conjunto, no entanto, é sua fidelidade à música popular brasileira. Desde o começo, o "Quarteto em Cy" gravou e acompanhou grandes nomes da MPB: Vinicius de Moraes, Chico Buarque de Holanda, Ellzeth Cardoso, Dorival Caymi, Araci de Almeida etc. Apesar dos dezesseis anos de existência, o quarteto nunca chegou a explodir em termos de preferência popular. Mas isto não parece preocupar as suas integrantes, que escolhem o repertório e cantam só o que lhes agrada.

No show "Com Força e Com Vontade", Cyva, Cynara, Soninha e Cybelle serão acompanhadas por Luiz Cláudio Ramos (violão), que também faz a direção musical, Fred Barbosa (baixo) e Alfredo Luis Rego (bateria). O espetáculo vai até o dia 7, sempre às 21 horas.

A NOITE É GRANDE

Ricardo Galeno

Na sala neutra

Sala neutra. Calor. Fumaça de cigarro. A música de Néelson Freire.

A falta do perfil grego. A angústia, por isso mesmo, se misturando com a música dos gênios escolhidos, alguns angustiados também.

Encolhido na poltrona.

A música envolvendo. Envolvendo. Por que tão triste assim?

Lá fora, mil barulhos, gente indo e vindo. Instrumentos de percussão ritmando o tempo todo na praça.

A música de Néelson Freire e a loucura rítmica lá fora. Um rosto dança e sorri na sala neutra, onde só acontece a música de Néelson Freire.

Olhar e ver. Mesmo sem querer. Presença-ausente. Dançando, dançando, dançando e, ao mesmo tempo, embevecida, ouvindo Néelson Freire. Mão longa apoiando o queixo.

(O que fazer nesta hora vazia, neste instante sem Deus?)

Uma estrela aproveita pra rasgar o céu com fome de abismos....

ESTREIA

Estreou o primeiro grande filme épico do cinema brasileiro: "O Caçador de Esmeraldas". Evocando a grande epopéia dos bandeirantes — a Saga de Fernão Dias Paes. "A história de um homem que acreditou no seu destino, dos amores entre homens e mulheres, brancos, índios e mestiços que viveram 7 anos de lutas nas selvas perseguindo um ideal que se afastava sempre; uma gesta de gente simples, mas, fanatizada por um ideal de riqueza e poder".

Um grande elenco: Jofre Soares, Glória Menezes, Roberto Bonfim, Tarcísio Meira, Arduino Colasanti, Dionísio Azevedo, Herson Capri, Maurício do Vale, Esmeralda Barros, Julcilea Telles, Ivete Bonfá, Patrícia Scalvi, Sérgio Hingst, Ruy Leal, John Herbert, Pedro Casador, Libero Ripoli, Felipe Levy, Nydia de Paula, Elisa Gomes, Carmen Ortega,



Cena das mais lindas do filme "O Caçador de Esmeraldas".

Célia de Lima, Maria Braga e Vaja Orico, entre outros.

COMPASSO

Dia 10, a **Banda Antiqua** estará se apresentando na **Igreja de São José**. Um excelente programa. Ninguém deve perder. **** Sexta-feira, na Praça XV, mais um encontro com Xangô da Mangeira, trombonista Zé da Velha e os conjuntos **Exporta Samba**, **As Gatas** e Anselmo Mazoni. **** Terça-feira próxima, estreia, no **Municipal**, da ópera **D. Giovanni**, de Mozart. **** Stan Getz estará nos visitando por estes dias. Vai se apresentar no **Caesar Park Hotel**, de Ipanema, nos dias 11, 12, 13 e 14. Faz-se acompanhar de músicos como Charles Samuel Loeb, Michael A. Hyman, Brian A. Bromberg e Mitchel Forman. Uma boa. Aliás, muito boa. **** A CBS está lançando "**Asas da América**", frevo, vol. II, de Carlos Fernando. Uma beleza. **** Já na paisagem carioca o cantor romântico Francis Cabriel, acompanhado da esposa e empresários. Ao que se diz, ele gravaria um disco inteiramente em português. **** Uma bomba: o grupo **Earth, Wind and Fire**, considerado o maior fenômeno musical do mundo, vem ao Brasil no próximo mês de outubro para apresentações no Rio e em S. Paulo. Depois, digo com mais fôlego. **** No mais, é como diz **Vinícius de Moraes**: — "Chega de saudade...".

A CORES

Hoje, no recital de Arthur Moreira Lima, que terá lugar na **Sala Cecília Meireles**, o público conhecerá o novo (e charmoso) uniforme das recepcionistas da **Riotur**, agora, em três cores, substituindo o **azulão** até então usado. É uma **bossa** toda especial da estilista Nicole de L'arivière, que sabe das coisas e tem bom gosto e sensibilidade. De agora, em diante, portanto, a **Riotur** recebe a cores!

Jornalista

Samuel Wainer morre aos 68 anos. Revolucionou imprensa

O jornalista Samuel Wainer morreu ontem, em São Paulo, aos 68 anos, vítima de parada cardíaca no Hospital Albert Einstein, no Morumbi, onde dava entrada às 7 horas para realizar um pneumotórax. O corpo foi velado no próprio hospital da Capital paulista, de onde saiu às 17h30min para o Cemitério de Vila Alpina, onde foi cremado.

Conhecido particularmente como o fundador do jornal *Última Hora*, em 1951, com o qual revolucionou a imprensa brasileira, com novas concepções de diagramação e estruturação de cobertura de massa, Samuel Wainer, ultimamente, era membro do Conselho Editorial e comentarista político da *Folha de São Paulo*.

Filho de comerciante, nascido em 16 de janeiro de 1912, desde os 17 anos Samuel Wainer se dedicou ao jornalismo e em 1938 já era diretor do *Revista Diretrizes*, que foi o grande instrumento contra o fascismo dentro do Estado Novo. Jovens intelectuais como Jorge Amado e Raquel de Queiroz faziam parte do corpo de colaboradores da revista. Joel Silveira e Francisco de Assis Barbosa, entre outros grandes nomes da imprensa brasileira, foram lançados por Wainer em *Diretrizes*.

No início de 1944, a revista foi fechada e Samuel Wainer experimentou seu primeiro exílio, nos Estados Unidos. Voltou em 1945 e tentou relançar *Diretrizes*, agora como diário. Na época, posicionou-se contra a Constituição com Getúlio Vargas. Ainda em 1945, viajou para a Europa onde permaneceu por dois anos. Mesmo lá, jamais deixou de exercer o jornalismo e foi o único sul-americano a cobrir o julgamento de Nuremberg. Em 1947, voltou ao Brasil e ingressou nos Diários Associados, exercendo todas as funções dentro da redação.

Em março de 1951, deixou os Diários Associados e fundou *Última Hora*, que nos 20 anos que ficou em suas mãos se transformou na única cadeia popular de jornais que já existiu no País, com edições no Rio, São Paulo, Niterói, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Curitiba, com impressão autônoma.

Com *Última Hora*, Samuel Wainer conseguiu revolucionar também as concepções de diagramação, com o apoio de Guevara, Ricardo Papagnoli e Bendatti, numa primeira fase, e com Oséas de Carvalho, na segunda. Durante os 20 anos à frente de *Última Hora*, Wainer lançou vários jornalistas, que se destacaram e se destacam no cenário jornalístico brasileiro, entre os quais Vinícius de Moraes Nassara, Nelson Rodrigues, Augusto Rodrigues, Sérgio Porto, Jacintho de Thormes, João Saldanha, Moacir Werneck de Castro, Otávio Malta, Arthur da Távola (Paulo Alberto Monteiro de Castro), Pinheiro Júnior, Amado Ribeiro, Eli Halfoun, Geraldo Escobar, Augusto Donadel, João Etcheverry, J.C. Heitor, Ib Teixeira, Antônio Maria, Rubem Braga, Lúcio Rangel, Carlos Renato, Waldinar Ranulfo, Hélio Rocha, Teodoro de Barros, João Rath, João Pinheiro Neto, Mauro Costa, Albert Laurence, João Ribeiro, Marinus de Castro, entre outros.

Devem-se a Samuel Wainer importantes coberturas jornalísticas sobre a Segunda Guerra Mundial, criação de



A modernização da imprensa brasileira começou com Samuel Wainer

Israel, petróleo na Bahia, Petrobrás e retorno à arena política de Getúlio Vargas. Em 1964, exilou-se novamente nos Estados Unidos, até fins de 1968. Dois anos antes produziu na Grécia o filme

Pastores da desordem (selecionado para o festival de Veneza). Na volta, lançou *Domingo Ilustrado* e morreu exercendo função no Conselho Editorial e comentarista político da *Folha de São Paulo*

O gênio Samuel Wainer

Ao morrer ontem, em São Paulo, Samuel Wainer levou um pouco da vida de todos nós que com ele trabalhamos (e aprendemos, principalmente), naquela grande escola brasileira de jornalismo que foi "Última Hora".

Recordo-me do meu primeiro encontro com Samuel Wainer. Ele estava preso em consequência ainda das acusações feitas por Carlos Lacerda, em 1954, que resultaram inclusive no suicídio de Getúlio Vargas. Era o ano de 1955. Eu me iniciava no jornalismo. E o prisioneiro político Samuel Wainer ditou-me um editorial sobre a situação do País. Lá para as tantas, observei:

— Você já fez sua reportagem de hoje?

Ele estava preocupado com meu trabalho de repórter iniciante. E não queira que aquela tarefa-extra — de anotador de editorial — prejudicasse o meu desempenho.

Recordo-me também, com muito mais facilidade, naturalmente, do meu último encontro com o velho mestre. Foi há poucos meses, no Leme. Desde a venda da "Última Hora" para o grupo Marcelo de Alencar, em 1972, não nos víamos, apesar de minha função como diretor-responsável final do seu ex-jornal:

— Como vai, companheiro? — saudou-me Samuel quando entrei no apartamento do Leme.

— Há quanto tempo, heim?! — disse eu estendendo-lhe a mão.

E ele, bem mais velho, voz mais rouca, lucidez também mais aguçada: — O tempo até que não foi muito. A distância é que foi grande.

Realmente, desde a diáspora da "Última Hora", andamos a correr mundo, jornais e revistas. Principalmente ele, que foi acabar colunista da "Status" e articulista das "Folhas". De novo um trabalhador braçal da informação depois de ter experimentado o travesseiro da glória e do poder como dono de uma rede de jornais populares sem par na América Latina.

Entre o nosso encontro de 1955 e o adeus insuspeitado de 1980, Samuel Wainer manteve-se, porém, repórter. Dono de rede de jornais, professor de técnica jornalística e até conselheiro nº 1 de Presidentes da República, mas antes e acima de tudo repórter. Por isso mesmo soube valorizar a nossa profissão. E valorizar em termos reais e palpáveis de salário e dignidade. Porque Samuel Wainer era gênio. O único gênio, com certeza, que a imprensa brasileira já teve.

PINHEIRO JÚNIOR

Último artigo aborda o novo sindicalismo polonês

Na edição de terça-feira da *Folha de São Paulo* Samuel Wainer assinava seu último artigo, sob o título "Uma Vitória do Progresso":

"A esta altura, em Varsóvia, um general polonês poderia parodiá-las às avessas o general Jorge Videla, presidente da Argentina, declarando à imprensa "Estamos diante de uma infiltração perigosa de agentes do capitalismo internacional. Eles pretendem solapar e subverter o nosso sistema socialista".

Mas, lá como cá, por mais honestos que sejam os sentimentos dos "bolsões radicais, mas puros, do regime", a realidade estaria sendo confundida com o desejo. Pois nem em Gdansk nem em Buenos Aires ou no ABC, os trabalhadores são hoje os mesmos dos tempos em que os agentes internacionais poderiam manipulá-los à vontade. Os anseios por mais liberdade e por uma vida melhor estão ultrapassando as velhas confrontações ideológicas. E por isso a formação de sindicatos livres e o direito à greve, reivindicações vitoriosas na Polônia, representando conquistas sem precedentes na história de um país socialista, mar-

cam um dos passos mais avançados na valorização do trabalhador com um dos componentes básicos de uma sociedade moderna.

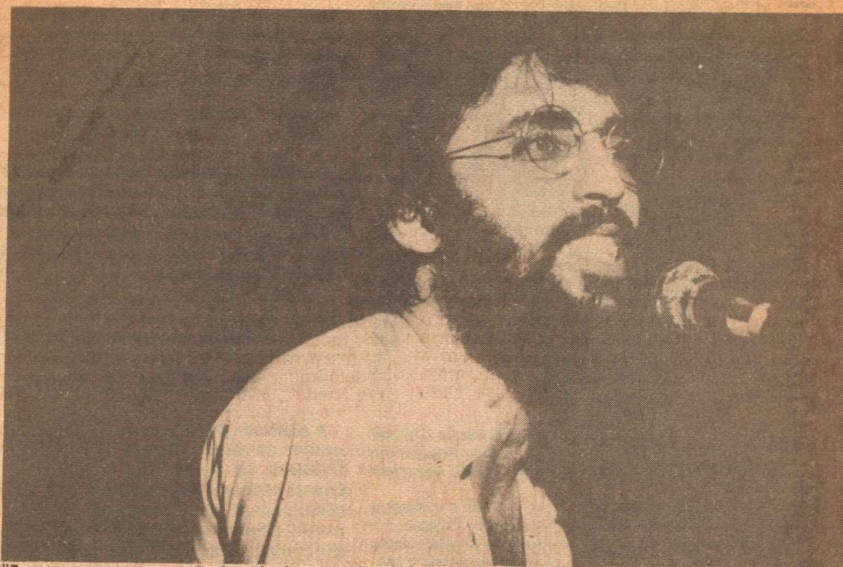
"Tenho de esfregar os olhos para acreditar que estou num país socialista" - repetia perplexo e atônico um repórter da televisão norte-americana presente ao estaleiro Lênio, onde líderes grevistas e delegados governamentais poloneses discutiam as linhas gerais do acordo. E Lech Walesa, o principal líder dos trabalhadores, que há quinze dias era considerado um marginal proibido de entrar no estaleiro, estava novamente à frente do comitê eleito para negociar com as autoridades do governo, isto é, negociar com o todo-poderoso Partido Comunista, que na Polônia se chama Partido Operário Unificado.

Essa histórica conquista dos trabalhadores poloneses - sindicatos livres e direito à greve - já faz parte, entretanto, das relações de rotina entre patrões e empregados nos países mais desenvolvidos na Europa Ocidental. Ainda há

poucos dias o comentarista lia num jornal francês esta declaração de um dos mais poderosos empresários da França, o sr. Fred Chandon: "Hoje, um empresário moderno deve dedicar metade de seu tempo à direção de seus negócios e a outra metade às negociações com sindicatos que seus trabalhadores estão vinculados". E nem por conceder aos seus sindicatos, a França deixa de ser um dos baluartes do sistema capitalista no mundo ocidental.

A vitória dessa verdadeira rebelião branca dos trabalhadores na Polónia socialista, com a consagração de um novo sindicalismo livre, assim como as declarações que o comentarista extraiu da entrevista concedida pelo sr. Chandon, são ângulos de uma mesma concepção de progresso. E devem ser devidamente analisadas pelas elites dirigentes no Brasil, onde um sindicalismo livre vem emergindo. Mas anda sofrendo irracionalmente restrições e limitações que neste momento, especialmente diante do que acaba de ocorrer na Polónia, mostram-se cada vez mais obsoletas, estereis e negativas".

3 / 9 / 80



"Em comparação com a da década de 60, a MPB de hoje está mais rica e elaborada."

Ivan Lins, no registro diário de um novo tempo

Ivan Lins estréia hoje, às 21 horas, o seu show "Novo Tempo", no Teatro Pixinguinha, cantando quase que só suas novas parcerias com Vitor Martins, incluídas em seu recente LP (com o mesmo nome do show), que acaba de chegar às lojas. Entre as músicas, está a canção título, que diz assim: "No novo tempo/ apesar dos castigos/ Estamos crescidos/ Estamos atentos/ Estamos mais vivos/ Pra nos socorrer/ (...) / No novo tempo/ Apesar dos perigos/ A gente se encontra/ Cantando na praça/ Pra sobreviver."

Como nos espetáculos anteriores, Ivan procura fazer um registro dos tempos atuais, dando assim uma continuidade a seu trabalho, acompanhando o passar dos anos. Cada show seu é aberto de maneira idêntica ao final do anterior e é como se ele fizesse uma reportagem musical do tempo vivido. "O conteúdo filosófico" — disse ele — "é o mesmo de há cinco anos, uma vez que a realidade continua a nos ofender, a nos antagonizar."

O show é uma estréia nacional. Ivan considera o público paulista como o seu "maior reduto, a platéia é mais participante, vibra mais e vê o artista com mais seriedade". Daqui, ele viaja para uma série de apresentações em outras capitais. O acompanhamento é de nove músicos, com arranjos de Gilson Peranzetta. A temporada paulista vai até dia 28.

Vitor Martins diz que o trabalho dele e de Ivan é sobre o dia-a-dia:

— Acho que esse trabalho, assim como o de Fátima Guedes e de Aldir Blanc vão deixar um documento dos nossos dias. E a fotografia

do cotidiano, onde aparecem a violência, a polícia, o assaltante, o pivete e tudo o mais.

Quanto a situação dos letristas, geralmente colocados em segundo plano, Vitor está otimista:

— A situação está mudando. Os letristas sofrem as consequências de uma discriminação já muito antiga, de uns 30 anos, quando era frequente os compositores venderem parcerias para sobreviver. Aconteceu, então, que as pessoas passaram a desconfiar muito do segundo nome numa parceria e acredito que esse tenha sido um dos motivos por que se passou a omiti-lo. Hoje o letrista já é mais valorizado, embora ainda não seja tão reconhecido como o músico, a não ser em alguns casos, como, por exemplo, Vinicius de Moraes.

Ivan faz uma comparação da música de hoje com a dos anos 60:

— Na minha opinião, exceto alguns trabalhos, havia naquela década pouco compromisso com a forma, com a linguagem artística. Os compositores, condicionados pelo momento histórico, estavam mais preocupados com a mensagem, com o conteúdo a ser veiculado do que com a criação artística. Para isso, utilizavam-se de uma linguagem simplificada para atingir o maior número de pessoas. Com isso perdiam a própria espontaneidade criativa. O Vandré, por exemplo, chegava a usar apenas três acordes numa música. Hoje as composições são mais elaboradas, poética e musicalmente mais ricas, obtendo um equilíbrio maior entre forma e conteúdo, mais coerência. O ato de criar é o ato de renovar, descobrir.

FOLHA DA TARDE - SP

3 / 9 / 80

ULTRA-RÚSTICO

●●● Carmen Alves de Lima convidando para o seu coquetel anual, que, como sempre, reunirá o melhor do melhor do velho São Paulo.

●●● Quem também recebe na próxima semana para jantar é Tica e Cesare Rivetti.

●●● Silvano e Pierella Dalle Molle com grandes modificações em sua vida de Ubatuba. Vendem o late, compram um veleiro e começam a construção de nova casa, com projeto dos mais bacanas de José Duarte de Aguiar, na base do ultra rústico.

●●● Ziza Sainadi di Santi virando industrial, fazendo móveis claros para gente jovem. O show room está quase pronto. A seu lado, Soninha Lara Campos, que continua com o buffet. Elas prometem tudo perfeito para o dia 15, festa do Rastro na Hipica, com mais de 2.000 pessoas.

●●● Horácio (Cacique) e Iolanda Coimbra (ele fa-

lando em café; que é o seu business) e Zequinha (relembrando Vinícius, que foi seu maior amigo) e Regina Marques da Costa, numa das mesas do Paddock, bebericando e comendo perninhas de rã.

●●● Um grande projeto dos arquitetos Jorge Zalszupin e José Gugliotta vai ser construído em Campos de Jordão, numa área de 400.000 metros quadrados. Promete muita área verde.

●●● O Conselho de Administração da Ford elegeu Robert M. Gerrity para o cargo de diretor vice-presidente.

●●● No dia de seu aniversário, Silvana Azém Mo-farrej reuniu todos os seus amigos no Ta Matete. Uma noite de muito movimento e muita minisaia. Outras presenças, Marilu e Nilton Travesso, Tina Ferreira e Tirso Camargo Correia, Maria Teresa Assumpção Arruda; Aloísio Foz, José Lattes, Tony Pimentel, Cesário Coimbra Neto.

A. WITKOWSKY

FOLHA DA TARDE - SP

3 / 9 / 80

CHICO BUARQUE EM FILME AUTOBIOGRÁFICO

• O cineasta argentino Mauricio Berú convidou e conseguiu a participação do compositor Chico Buarque de Hollanda para estrear, ao lado de seus amigos e parentes, um filme auto-biográfico, intitulado "Certas Palavras com Chico". A montagem foi feita em estilo documental, com vários números musicais. Participam, entre outros, Maria Bethânia, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso, Francis Hime, Toquinho e Miúcha.

• Entrarão em circuito nas próximas semanas, principalmente nos cinemas de São Paulo e Rio de Janeiro, três filmes com roteiro e histórias de José Louzeiro.

A primeira delas é "Pixote, a Lei do Mais Fraco", dirigido por Hector Babenco, tendo Marília Pera e Jardel Filho nos papéis principais. Baseado no livro "Infância dos Mortos", o filme representa o drama do menor abandonado e vem sendo esperado com alguma expectativa pela



Chico no cinema

crítica paulista, pelo fato de encerrar um tema tão atual nas grandes cidades brasileiras e cujo tratamento eficaz costuma ser rejeitado pelo farisaísmo geral.

A segunda produção é "Fruto do Amor", dirigido por Milton

Alencar Jr. — estreado no longa-metragem — tendo como principais intérpretes Ruth de Souza e Paulo César Pereiro. O terceiro filme intitula-se "O Escolhido de Iemanjá", dirigido por Jorge Du-

ran.

FOLHA DE S. PAULO

3 / 9 / 80



O saxtenor, divulgador da bossa nova, fará 4 shows no Rio.

Stan Getz, show e férias no Brasil

O famoso saxtenor Stan Getz que muito divulgou a bossa nova nos Estados Unidos fará um show no Rio, de 11 a 14 deste mês, no Caesar Park Hotel, em Ipanema, acompanhado dos músicos Charles Samuel Loeb, Michael A. Hyman, Brian A. Bromberg e Mitchel Forman. Depois destas apresentações, Stan Getz pretende ficar mais algum tempo no Brasil em viagem de férias.

A gravação de "Desafinado", de Antônio Carlos Jo-

bim, deu a Stan Getz o prêmio "Grammy", como o melhor solista de 1962. Além de fazer um álbum com João Gilberto ("Getz Gilberto"), que se tornou um clássico da bossa-nova, foi ele quem lançou Astrud Gilberto como cantora e com muita força: o compacto simples contendo "Garota de Ipanema", de Jobim-Vinicius, em versão para o inglês, chegou rapidamente ao primeiro lugar nas paradas norte-americanas e, de lá, atingiu o resto do mundo.

4 / 9 / 80

Vereador quer dar nome de Vinicius e Dona Lyda a praças

Nesta primeira semana de setembro, o Vereador Messias Soares, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Duque de Caxias, apresentou projetos que visam perpetuar na cidade de Duque de Caxias duas personalidades que marcaram a história nacional, que são o poeta Vinicius de Moraes e Lyda Monteiro da Silva, vítima do atentado a bomba na OAB do Rio de Janeiro.

São os seguintes os projetos do vereador: Projeto de Lei n.º 15/80 — denominando Vinicius de Moraes a atual Praça Senhor do Bonfim, sita no Parque Senhor do Bonfim e acrescentar na placa relativa à nova denominação os dizeres: "Poeta da Música Popular Brasileira"; Projeto de Lei n.º 17/80 — Denominando Lyda Monteiro da Silva a atual Praça da Amizade,

sita no início da Av. Brigadeiro Lima e Silva, acrescentando na placa: "Vítima do Terrorismo".

E ainda os requerimentos n.º 145/80 — solicitando estudos (dados técnicos e legais) sobre a viabilidade de um projeto obrigando as empresas estabelecidas no município a contratarem 100% dos seus funcionários entre as pessoas aqui residentes, excetuando-se os casos de técnicos especializados que aqui não forem encontrados, mediante anúncios em jornais de grande circulação; e o de n.º 146/80 — sugerindo ao Prefeito Municipal estudos junto à área econômica, objetivando concessão de incentivos às empresas aqui localizadas para que aumentem consideravelmente a contratação de menores para os seus serviços.